

DO MODELO OBEDIENTE A UMA ESCRITA SENSÍVEL E COLETIVA: QUESTÕES EPISTEMOLÓGICAS E ESCRITA ACADÊMICA NA CONTEMPORANEIDADE

Fransuely Raimundo Rêgo¹
Universidade Federal de Alagoas

Ismar Inácio dos Santos Filho²
Universidade Federal de Alagoas

RESUMO

Este estudo, que se apresenta como um artigo, é fruto das discussões acerca do caráter epistemológico no fazer acadêmico, de modo geral, mas especificamente nos estudos em linguagem – e aqui direcionado para a Linguística Aplicada, em um componente curricular sobre metodologia (e escrita) de pesquisa ofertado no PPGL-UFAL, em 2022. Objetiva problematizar os fundamentos da ciência da observação, cartesiano-positivista, seus abalos epistemológicos e seus novos rumos, em sentido pós-abissal. No entanto, o intuito maior é o de, sob tais reflexões sobre a produção científica na contemporaneidade, em específico nas ciências sociais e humanas, pôr em questão a escrita acadêmica, de modo a fornecer saídas para o modelo de texto obediente. Visamos, assim, provocar inquietações que instiguem à voz autoral na produção do texto acadêmico (tão cobrada em bancas de avaliação), ou, ao menos, frenesis que levem a um sussurro enunciativo. O estudo se faz relevante no contexto de dificuldades de escrita científica tão narradas e contadas no universo dos cursos de graduação e de pós-graduação. Dialogamos com Moita Lopes e Fabrício (2019), Perrotta (2004; 2022), Ribeiro (2021; 2022) e Santos (2001; 2008; 2010), dentre outros estudos. Por fim, apontamos para a necessidade e a viabilidade de uma escrita sensível e coletiva no fazer acadêmico, na produção de pesquisas em Linguística Aplicada.

Palavras-chave: Ciência da observação; Pensamento pós-abissal; Linguística Aplicada; Texto obediente; Escrita sensível.

FROM THE OBEDIENT MODEL TO SENSITIVE AND COLLECTIVE WRITING – EPISTEMOLOGICAL ISSUES AND ACADEMIC WRITING IN CONTEMPORARY TIMES

ABSTRACT

This study, which presents itself as an article, is the result of discussions about the epistemological character of academic work, in general, but specifically in language studies – and here directed to Applied Linguistics, in a curricular component on research methodology, and writing, offered at PPGL-UFAL, in 2022. It aims to problematize the foundations of the science of observation, cartesian-positivist,

¹ Mestra em Linguística, pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Maceió, Alagoas, Brasil. Endereço para correspondência: Avenida Antônio Lisboa de Amorin, 327, casa 260, Condomínio Recanto dos Sonhos, Rua E, Benedito Bentes, Maceió, Alagoas, Brasil, CEP: 57.085-160. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8701-2765>. E-mail: frans.montecchio@gmail.com.

² Doutor em Letras-Linguística, pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Docente no curso de Letras-Língua Portuguesa (Campus do Sertão) e no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGL-FALE), na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Delmiro Gouveia-Maceió, Alagoas, Brasil. Endereço para correspondência: Travessa São Francisco de Assis, n. 14, Centro, Delmiro Gouveia, AL, Brasil, CEP: 57.480-000. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5158-5449>. E-mail: ismarinacio@yahoo.com.br.

its epistemological shocks and its new directions, in a post-abysal sense. However, the main intention is, under such reflections on contemporary scientific production, specifically in the social and human sciences, to question academic writing, in order to provide solutions for the obedient text model. We aim, therefore, to provoke concerns that encourage the authorial voice in the production of academic texts (so demanded by evaluation boards), or, at least, frenzies that lead to an enunciative whisper. The study is relevant in the context of difficulties in scientific writing that are so narrated and told in the universe of undergraduate and postgraduate courses. We discussed with Moita Lopes and Fabrício (2019), Perrotta (2004; 2022), Ribeiro (2021; 2022) and Santos (2001; 2008; 2010), among other studies. Finally, we point to the need and viability of sensitive and collective writing in academic work, in the production of research in Applied Linguistics, under emerging scientific parameters.

Keywords: Science of observation; Post-abysal thinking; Applied Linguistics; Obedient text; Sensitive writing.

DEL MODELO OBEDIENTE A LA ESCRITURA SENSIBLE Y COLECTIVA – CUESTIONES EPISTEMOLÓGICAS Y ESCRITURA ACADÉMICA EN LA ÉPOCA CONTEMPORÁNEA

RESUMEN

Este estudio, que se presenta como un artículo, es resultado de discusiones sobre el carácter epistemológico del trabajo académico, en general, pero específicamente en los estudios de lengua –y aquí dirigido a la Lingüística Aplicada, en un componente curricular sobre metodología de la investigación y escritura. ofrecido en el PPGLL-UFAL, en 2022. Tiene como objetivo problematizar los fundamentos de la ciencia de la observación, cartesiano-positivista, sus choques epistemológicos y sus nuevos rumbos, en un sentido post-abismal. Sin embargo, la intención principal es, bajo tales reflexiones sobre la producción científica contemporánea, específicamente en las ciencias sociales y humanas, cuestionar la escritura académica, con el fin de brindar soluciones al modelo del texto obediente. Pretendemos, por tanto, provocar inquietudes que fomenten la voz del autor en la producción de textos académicos (tan demandada por los tribunales de evaluación), o, al menos, frenesíes que desemboquen en un susurro enunciativo. El estudio es relevante en el contexto de las dificultades de la escritura científica que tanto se narran y cuentan en el universo de los cursos de pregrado y posgrado. Discutimos con Moita Lopes y Fabrício (2019), Perrotta (2004; 2022), Ribeiro (2021; 2022) y Santos (2001; 2008; 2010), entre otros estudios. Finalmente, señalamos la necesidad y viabilidad de la escritura sensible y colectiva en la práctica académica, en la producción de investigaciones en Lingüística Aplicada, bajo parámetros científicos emergentes.

Palabras clave: Ciencia de la observación; Pensamiento post-abismal; La lingüística aplicada; Texto obediente; Escritura sensible.

INTRODUÇÃO

O presente artigo desenvolve uma reflexão acerca do fazer científico nos estudos linguísticos, ou estudos da linguagem, particularmente situando-o no campo de estudos da Linguística Aplicada (doravante LA), tendo em vista que tal fazer científico, consoante com aquele assumido em LA, ao distanciar-se de uma ciência positivista possibilita o aparecimento/retomada da voz dos sujeitos, que, outrora silentes, hodiernamente constroem um conhecimento que já não se quer neutro, estanque e quantificável, mas inteiramente interessado, provisório, ético e responsável, conforme Bakhtin (2003). Nesse sentido, além desse fundamento

metodológico, e epistemológico, são aqui discutidos e problematizados procedimentos-ações que podem ser efetuados pelos sujeitos no processo da produção escrita dos textos acadêmicos, os quais materializem uma tentativa de rompimento como o fazer ciência da ciência modernista. É fruto dos estudos na disciplina de “Metodologias de investigação em Linguística”, no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da universidade Federal de Alagoas (PPGLL/UFAL), em 2022.02.

Para tal, este texto encontra-se organizado em três partes (além desta Introdução), nas quais, na primeira seção consideramos a relação entre o paradigma epistemológico hegemônico da chamada “ciência da observação”, “ciência do Norte”, que vem passando por uma crise (Santos, 2008), e seu pensamento abissal (Santos, 2010) e o paradigma emergente de fazer ciência, denominada de “ciência pós-moderna”. Na segunda seção, afora as contribuições construídas nas aulas do componente curricular mencionado acerca do processo de escrita dos sujeitos pesquisadores, receberão destaque as valiosas considerações das autoras Perrotta (2004) e Ribeiro (2021), em seus respectivos textos, quais sejam, “Um texto para chamar de seu: preliminares sobre a produção do texto acadêmico” e “Notas de uma orientadora imperfeita: pesquisar, ler e escrever na área de Letras”, e em parte do processo dialógico do “Ciclo de Conversas: pesquisa (linguística) e escrita acadêmica em debate” no qual as pesquisadoras citadas participaram³. Em último lugar, no terceiro tópico do texto, são apresentadas as considerações finais que encerram as reflexões tecidas.

No referido “Ciclo de conversas...”, foram abordados temas como o desenvolvimento da criatividade para a produção de uma escrita autoral que fuja à forma estereotipada da escrita hegemônica acadêmica, a ausência de voz ou de uma voz autoral, “um balbúcio, que seja” (Ribeiro, 2021, p. 9) e a busca pela coragem enunciativa, tão requerida por docentes em bancas de qualificação de dissertações e teses, com a finalidade do estabelecimento do ethos de pesquisador/a e escritor/a.

³ Evento on-line oriundo da disciplina “Metodologias de investigação em Linguística”, anteriormente mencionada, realizado pelo Grupo de Estudos em Linguística Aplicada/Queer em Questões do Sertão Alagoano (GELASAL) entre os dias 28 de novembro a 02 de dezembro de 2022.

Desse modo, nesta reflexão buscamos não só retomar tais temáticas como também articulá-las ao fazer científico do paradigma emergente, o qual contribui para o não silenciamento da voz dos sujeitos, particularmente na produção escrita na esfera acadêmica.

PARADIGMAS EM CONFLITO: “NÃO HÁ CAMINHO, CAMINHO SE FAZ AO ANDAR”

Conscientes de que não são as respostas que movem o mundo, mas, ao contrário, as perguntas, iniciamos a presente reflexão considerando a pergunta inquietante lançadas nos momentos iniciais da disciplina “Metodologias de investigação em Linguística”, já citada:

- a) “Qual a noção de ciência que se encontra presente na ‘cozinha’ do(a)s cientistas e, ainda, do(a)s linguistas⁴?”
- b) “O que fundamenta o fazer científico hegemônico?” Ou melhor, “Em que base se encontra alicerçado tal fazer científico?”
- c) “Que modelo é esse?”, “Que possibilidades dispomos para fugir dele?” e
- d) “A quem essa produção do conhecimento tem servido?”

Tais questionamentos são postos em evidência a fim de que venhamos a discernir o esteio ideológico presente em nossa produção, tendo em vista dois objetivos: i) alargar o entendimento do(a) pesquisador(a) e, concomitantemente, ii) fomentar transformações na realidade (Pennycook, 1998) da qual é integrante. Ainda tratando desse aspecto, parece-nos oportuno mencionar que no campo da LA tem-se assumido o compromisso com esse exame perene dos fios ideológicos que constituem o conhecimento produzido. Ao longo deste texto buscamos, portanto, possíveis e provisórias “respostas”. Contudo, faz-se relevante dizer que as questões acima elencadas bem como os argumentos que são expostos têm o propósito de conduzir à tese de que uma vez que examinemos acuradamente o lugar epistemológico que nos situamos enquanto sujeitos pesquisadores, seja há pouco tempo ou ainda que residamos neste há anos, e ao conhecermos bem as implicações advindas deste lugar

⁴ Propôs-se essa pergunta tendo como base a metáfora da “cozinha da pesquisa científica” apresentada por Macedo (2014), ao se referir ao fazer do(a)s pesquisadores/pesquisadoras, ao mencionar o como raciocinam, como definem problemas, como perguntam etc., no quadro Galeria de pensadores, do projeto TIM faz Ciência, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=qv-tsylwZgQ>.

possamos assumir a desejada voz autoral, tão requerida, no processo de produção/escrita na construção do conhecimento. Principiamos, pois, debruçando-nos acerca de alguns traços que caracterizam o paradigma dominante de ciência e na sequência atentamos para a sua relação conflitante com o paradigma emergente no produzir ciência hodiernamente.

‘Ciência de observação’

Vemos, então, que, conforme discorre Santos (2008), a ciência modernista adota o que pode ser denominado de modelo global de racionalidade científica em sua base, que no século XVI estabeleceu-se a partir da Revolução Científica e desenrolou-se, em primeiro lugar, tendo as ciências naturais como suporte, e que somente no século XIX se prolongou até alcançar às ciências sociais emergentes, convertendo-se assim em um modelo de alcance global.

Na explicação trazida por esse cientista social, esse modelo de racionalidade científica é qualificado ainda como totalitário, sendo essa sua característica principal, haja vista que recusa o *status* ou o carácter racional às demais formas de conhecimento que não se encontram orientadas pelo conjunto de seus “princípios epistemológicos e pelas suas regras metodológicas” (Santos, 2008, p.21). Desse modo, notamos que esse paradigma, compreendido como dominante, revela-se não apenas totalitário, mas, ao mesmo tempo exclusivista, pois reconhece e legitima como verdadeira uma forma de conhecimento muito estreita, a saber, aquela que se enquadra em suas prescrições.

Nessa linha de raciocínio, nesse modelo apresentou-se uma ‘nova visão de mundo e da vida’: o mundo-máquina, com carácter geométrico em expansão e por um movimento que se redonda em duas distinções, nas quais se separam então dois pares: o conhecimento científico do conhecimento do senso comum e a natureza do ser humano. Em tais parâmetros, a ciência moderna desconfia das evidências das experiências imediatas, considerando-as ilusórias, ainda que essas façam parte da base do conhecimento vulgar/ senso comum/ práticas. No caso do segundo par proposto, a natureza, no que lhe concerne, é pensada como constituída de elementos

desmontáveis que serão posteriormente relacionados sob a forma de lei-generalização, uma natureza que se apresenta com um caráter passivo, o que configura uma perspectiva mecanicista.

Nessa configuração, esse conhecimento científico prosseguiu adotando uma perspectiva de observação, “descomprometida e livre, sistemática e tanto quanto possível rigorosa dos fenômenos naturais” (Santos, 2008, p.25). E essa observação busca: a) distinguir as condições iniciais e as leis da natureza, b) as situações de regularidade e c) isolar, selecionar, as condições relevantes, retirando ou removendo, para tal, elementos como tempo, lugar, sujeitos e interesses, as condições iniciais. Em sua estrutura de análise encontra-se, portanto, o uso da linguagem matemática na tentativa de extrair conhecimento mais significativo e exato acerca da natureza.

Nesse mecanismo de análise não permanece o que não for possível observar e medir. Tem-se assim a expulsão da intenção. Ou seja, ocorre um apagamento das condições iniciais, do fundo de saber, da teoria prévia, que envolve o fenômeno em questão. Apesar de não se configurar como tal, o resultado dessa observação da ciência moderna é tomado como independente do tempo e do lugar (suas condições iniciais). Acerca desse aspecto, é válido esclarecermos que, não obstante ao fato de que essa ciência modernista, ao apagar as condições iniciais, busque a todo custo remover o fundo de saber, ou seja, a teoria prévia que envolve o fenômeno ou objeto pesquisado, inevitavelmente toda experiência desperta esse mesmo fundo de saber/teoria prévia, que se encontra presente, haja vista que nenhum processo de conhecimento é neutro. Faz-se, portanto, necessário ao pesquisador ou a pesquisadores e pesquisadoras explicitar as condições iniciais existentes em seu fazer acadêmico.

Nesse cenário, busca-se estabelecer uma separação, uma relação de neutralidade, de uma pretensa imparcialidade científica entre o sujeito e o objeto, ou seja, entre o sujeito cognoscente e o objeto cognoscível. A essa altura, Santos (2008) aponta, acerca desse fazer ciência, um paralelo que opera certo distanciamento entre o conhecimento científico e o senso comum. Conforme argumenta, em tal paralelo, enquanto no senso comum a causa e a intenção convivem harmonicamente na

produção do conhecimento, na ciência modernista obtém-se a causa formal por meio da expulsão da intenção.

Nesse modelo de ciência, ao final da testagem de hipóteses, tem-se um saber dito oficial, um pensamento científico, conforme evidência Macedo (2014), aos moldes do pensamento matemático, em que o cientista se confunde com o matemático, e que atua em um ambiente de raciocínio onde ocorrem ações como a exploração e a experimentação dos dados, a prova de hipóteses, a verificação, a comparação e a classificação. O fazer científico segundo o paradigma modernista pode ser descrito através de verbos como “observar”, “medir” e “quantificar”, os quais apontam para um modelo de fazer ciência particular e que ainda manifesta a isenção do sujeito que produz uma determinada ação ou que se envolve no processo da própria ação descrita.

Este fazer é caracterizado pela ação de observar experiências ordenadas segundo regras. Tem-se a dinâmica da generalização, que consiste no processo de indução de uma experiência desordenada para uma experiência ordenada. O objetivo estabelecido, assim, é explicar os fenômenos que são devidamente observados com o máximo possível de rigor científico, o rigor das medições, e tudo aquilo que não se mostra quantificável ou que escapar a esse critério se torna, por consequência, cientificamente irrelevante.

Assim, através do emprego de leis físicas e matemáticas, tornou-se possível estabelecer a previsão dos fenômenos naturais, aspecto que embasou o determinismo mecanicista, o que ofertou suporte à ciência moderna. Desse modo, o modelo de fazer ciência, que até então era hegemônico nas ciências naturais, logo foi adotado pelas ciências sociais. Nesse sentido, era possível conceber as leis da natureza, e também seria possível desvendar as leis que regem a sociedade. Logo, por meio da ascensão das ciências sociais, por volta do século XIX, entraram em cena duas correntes distintas concernentes ao modelo mecanicista. A primeira objetivava a aplicação dos princípios epistemológicos e metodológicos empregados no estudo da natureza ao estudo da sociedade. Por sua vez, a segunda corrente pleiteava uma epistemologia e metodologia apropriadas ao estudo das ciências sociais, considerando as particularidades inerentes ao ser humano enquanto objeto de estudo. Apesar de a

segunda corrente evidenciar sinais de conflito, quando situada no paradigma hegemônico, e apresentar componentes de transição de outro modelo científico, as duas correntes apresentam-se como concepções pertencentes à ciência moderna.

Contudo, esse paradigma do fazer ciência, que se tornou hegemônico, tem vivenciado um acentuado e irremediável colapso. Os seus pares dicotômicos, que em outro momento ofertavam o suporte necessário a seu modelo de racionalidade científica, encontram-se em processo de franca fragmentação. Conforme nos informa Santos (2008), as condições para essa derrocada envolvem aspectos do campo social e teórico. Por isso, dentre outros elementos que caracterizam esse cenário de declínio, observamos, a exemplo, que o absoluto já não existe e as leis agora se configuram como locais, e o rigor científico então tido como natural e objetivo se dará por critério de seletividade. Matéria e história são, por sua vez, tomadas em substituição à eternidade, isto é, não há lugar para um determinismo engessador, pois se acolhe a imprevisibilidade. O mecanicismo é superado pela interpretação, espontaneidade e auto-organização. Diz-se não à ordem e agora se estabelece a desordem.

Ao nos debruçarmos acerca do paradigma hegemônico, deparamo-nos com o pensamento que lhe corresponde, o pensamento abissal (Santos, 2010), o qual se fundamenta num conjunto de linhas imaginárias que segregam o mundo em dois hemisférios, o norte e o sul, o “nós” contra “eles”, os que estão deste lado da fronteira e os que estão no lado oposto. Enquanto ao norte oferta-se o acolhimento e legitimidade, ao outro lado da linha confere-se aos sujeitos o *status* da inexistência, a sombra do silenciamento e da exclusão no tocante a sua cultura e aos seus diferentes saberes. Em nosso país, o lançamento do livro “Que bobagem! Pseudociências e outros absurdos que não merecem ser levados a sério”, de Natália Pasternak e Carlos Orsi, em 2023, e do livro-resposta “Ciência pouca é bobagem: por que psicanálise não é pseudociência”, de Christian Dunker e Gilson Iannini, no mesmo ano, colocou novamente o debate sobre o que é fazer ciência nos holofotes, midiáticos e científicos.

Pensamento pós-abissal – um paradigma emergente

Logo, é relevante pontuarmos que, conforme a análise de Santos (2010), ao examinarmos o pensamento moderno ocidental constatamos que esse tem em sua

base justamente a presença e o fundamento que sustenta o pensamento abissal. E esse, por sua vez, traz em seu bojo características que lhe são peculiares, tais como: a inviabilidade de existência conjunta das duas linhas divisórias, além da aptidão para gerar e extremar oposições. Essas formas ou mecanismos de separações, sejam aquelas que são evidentes ou as que são imperceptíveis, na contemporaneidade ocidental podem ser retratadas, desta maneira, como um paradigma firmado na cisão entre a regulação e a autonomia social, por meio da separação entre as sociedades colonizadoras e aquelas que são vistas como colônias.

Assim, frente à opressão exercida por esse pensamento hegemônico, mostra-se urgente a categorização de um pensamento como o pós-abissal, que concebe a diversidade de saberes presentes no mundo. Nesse quadro, para além do saber oficial, do conhecimento aceito como científico, considera-se a presença e a contribuição dos saberes produzidos localmente, dos saberes que não foram tecidos no universo acadêmico, dos saberes que se situam em um contexto não tecnológico, na argumentação de Zozzoli (2016), os quais fazem parte do vivido, do universo do cotidiano e ainda se constituem coparticipes numa ecologia de saberes.

Em contrapartida à presença engessada do paradigma hegemônico, temos o desenvolvimento do paradigma emergente, denominado por Santos (2010, p.7) de “paradigma de um conhecimento prudente para uma vida decente”, o qual não se refere somente a um paradigma científico que se caracteriza pelo conhecimento prudente, mas também um paradigma social para uma vida decente. Esse inovador ponderar científico, que assume Santos (2010), por conseguinte, manifesta uma nova disposição social, na qual se tem como qualidades elementares a convivência, a dúvida e a insegurança. Essa nova forma de se fazer ciência requer um novo paradigma, visto que suas aspirações não são mais satisfeitas pelos métodos tradicionais, categorizadores e rigorosos presentes na ciência modernista.

Logo, no contexto da modernidade em transição (Moita Lopes; Fabrício, 2019), esse paradigma articula o conhecimento científico e aquele não científico, sendo ambos considerados pertinentes à sociedade, com o propósito de transformá-la, em uma sociedade em que existam menos disparidades e mais democracia. O sociólogo

Boaventura de Sousa Santos (2010) elenca ainda os seguintes princípios desse paradigma: a) todo o conhecimento científico-natural é científico-social, b) todo conhecimento é local e total, c) todo conhecimento é autoconhecimento e d) todo conhecimento científico visa a se constituir em senso comum. Os livros “Uma ecologia decolonial – pensar a partir do mundo caribenho”, de Malcom Ferdinand, em 2022, e “Descolonizando afetos: experimentando outras formas de amar”, de Geni Núñez, de 2023, apontam para outras possibilidades de/na produção do conhecimento científico.

Nesse sentido, enquanto docentes em processo de formação continuada e pesquisadora e um professor-pesquisador que têm desenvolvido pesquisas, filiamos-nos ao campo da LA, inserindo-nos em uma tentativa de afastamento da ciência modernista e seu pensamento abissal, ao considerarmos as complicações, exemplificadas por categorias *zumbis* (Beck, 2021 *apud* Moita Lopes; Fabrício, 2019), advindas desse paradigma para o desenvolvimento da pesquisa e para a produção escrita na academia. Para compreendermos o que são essas categorias, é preciso nos atentar para a explicação de Moita Lopes e Fabrício (2019), ao pontuarem que o ranço cartesiano-modernista-positivista marcou e, infelizmente, ainda continua a imprimir marcas indeléveis na vida social, bem como na produção do conhecimento do mundo ocidental.

Sendo assim, para esse linguista aplicado e essa pesquisadora da LA, as categorias *zumbis* ou, categorias dos mortos vivos, diz respeito àquelas categorias e explicações, a exemplo do ideal positivista de suposto distanciamento crítico, que sustentadas à luz do paradigma hegemônico e do pensamento abissal, ambos povoados por ideais colonialistas, trouxeram-nos até à contemporaneidade, e, de modo inesperado, continuam a se perpetuarem na ampla esteira dos estudos da linguagem. Uma categoria *zumbi* ainda frutífera nos estudos em linguagem é a de língua como representação. Devemos, portanto, enterrar esse cadáver.

Diante desse cenário, visamos a partir do afastamento do fazer científico cartesiano-modernista-positivista, o empreendimento de uma escrita acadêmica que manifeste certa coragem enunciativa, para um urgente rompimento com todas as formas de categorias que são mortos vivos e o devido estabelecimento de outras e criativas maneiras de criar e imaginar o mundo e seus dilemas por meio da linguagem.

Para Moita Lopes e Fabrício (2019), é urgente o afastamento das imaginações coloniais, de modo a produzirmos imaginações outras necessárias.

Nesse percurso de revista aos sustentáculos da produção científica, após refletirmos brevemente, na cozinha da produção do conhecimento, acerca dos aspectos que sustentam o fazer científico hegemônico e de suas perturbadoras categorias zumbis, objetivando compreender que fazer pesquisa (e escrita) é esse, prosseguimos tecendo considerações acerca das possibilidades que temos para empreender o abandono a esse modelo, detendo-nos particularmente sobre a escrita acadêmica, posto que essa se encontra diretamente atrelada a um determinado modo do fazer epistemológico.

UMA FUGA ANUNCIADA DA ESCRITA HEGEMÔNICA: QUANDO “UM GALO SOZINHO NÃO TECE UMA MANHÃ”

Como na conhecida frase do general romano Pompeu, em que “navegar é preciso”⁵, na construção do conhecimento faz-se preciso conhecer o lugar epistemológico em que nos encontramos situados para podermos de maneira responsiva e responsável (Bakhtin, 2003) assumir nossa voz enquanto pesquisadores e pesquisadoras. Entretanto, todo esse processo requer que tomemos a trilha do (re)pensar a escrita acadêmica, contudo, agora, localizada em outro paradigma epistemológico, o paradigma emergente no qual também se insere a LA. Nesse interesse, no livro “Um texto para chamar de seu: preliminares sobre a produção do texto acadêmico”, a professora Perrota (2004, p.7), ao questionar-se “como pôr ordem no caos sem perder de vista a construção criativa do conhecimento”, propõe aos seus leitores e as suas leitoras um conjunto de considerações e caminhos para que cada autor(a) encontre suas respostas, das quais retomamos algumas que nos parecem mais significativas para o presente texto-debate.

⁵ A frase em seu contexto original, dita por Pompeu (106-48 a.C.), foi: “Navigare necesse; vivere non est necesse”, e é referenciada por Plutarco, na obra “Vida de Pompeu”. Imortalizada nos versos do poeta Fernando Pessoa, faz parte do seguinte trecho: “Navegadores Antigos tinham uma frase gloriosa: Navegar é preciso; viver não é preciso. Quero para mim o espírito (d)esta frase, Transformada a forma para a casar como eu sou: Viver não é necessário; o que é necessário é criar” (Pessoa, 2004, p.15).

Em primeiro lugar, ao identificar que o motivo de muitas das angústias experimentadas pelos autores e pelas autoras na produção do texto acadêmico deve-se a um *fazer-reactivo*, que convive lado a lado com um *fazer-pelo-impulso*, essa pesquisadora explica-nos que dentre esses dois *modos operandi* de escrita existe uma significativa diferença, de modo que no *fazer-pelo-impulso* o(a) autor(a) será “impulsionado pelo desejo de se dar a conhecer ao outro, apropriando-se criativamente das ferramentas para isso e se permitindo questionar e desafiar ordens estabelecidas” (Perrota, 2004, p. XVII), mas que, no *fazer-reactivo*,

[...] submete-se ao outro, o que o leva a elaboração de **um texto obediente**, em que se diz apenas o que e como se imagina que todos queiram ouvir, perpetuando o já constituído por temor do novo, do pessoal, da marca, da assinatura [negrito nosso] (Perrota, 2004, p. XVII).

Ao tratar dos dois modos de escrita acadêmica acima mencionados, Perrota (2004) descortina a coexistência latente e desafiadora entre a atividade de reprodução e a de autoria que envolve a escrita, aspecto que não se limita apenas à escrita que se circunscreve ao âmbito acadêmico. À luz dessa compreensão, a autora defende uma evasão ao que denomina de texto obediente, destituído de marcas do seu autor, de sua autora, para que, em substituição, adotemos o exercício da criatividade para a produção de uma escrita autoral, *perspectiva também adotada em trabalhos como o de Santos e Souza (2024)*. Compreendemos que o texto obediente de que trata se encontra alinhado aos moldes da ciência hegemônica.

Ao explorar um pouco mais a questão, e ainda em consonância com Perrota (2004), dialogamos com Ribeiro (2021), que aborda a “ausência de ‘voz’ ou de uma voz autoral,” e ainda a falta que faz “a coragem enunciativa relacionada a esse sussurro [enunciativo]”, que, sob nossa leitura, se dão sob a áurea do texto obediente. Sob a obediência textual, falta agência e encontra-se um claro desequilíbrio entre os movimentos do *fazer-pelo-impulso* e o *fazer-reactivo*. Na realidade, o que percebemos é a prevalência do mecanismo de reprodução do já dito. Ou seja, tem-se um modelo de fazer ciência monológica, em que não há espaço para a inovação, pois antes se ocupa em repetir as fórmulas canonizadas, não saindo do cansativo eco, o que resulta, por

exemplo, no emprego abusivo de citações diretas no texto. Dessa maneira, nesse projeto de dizer monológico se busca uma idealizada e paradoxal impessoalidade ou neutralidade no trabalho científico.

Nesse sentido, o primeiro exemplo de ação/procedimento, que pode ser efetuado pelos sujeitos no processo da produção escrita dos textos acadêmicos, os quais materializem uma tentativa de rompimento como o fazer científico da ciência modernista, ao primar pela voz do autor, consiste em eleger oportunamente como colocar-se enquanto autor(a) na e da pesquisa. Essa deve ser uma “escolha consciente” (Perrota, 2004), que envolverá a seleção da pessoa verbal a ser empregada no texto, de modo que ao auto-examinar-se e/ou ao ser inquerido por outros acerca de tal escolha, o(a) pesquisador(a) seja capaz de apresentar uma justificativa devidamente embasada com segurança e que expresse credibilidade. Ou seja, tal escolha implicará assumir certos posicionamentos em detrimento de outros, decisão que inevitavelmente passará pelo âmbito do conflito e do risco.

Dessa maneira, ao filiar-se ao paradigma emergente de fazer ciência, também chamando de “ciência pós-moderna”, o(a) autor (a) /pesquisador(a) em questão atua no espaço em que Moita Lopes e Fabrício (2019), seguindo Santos (2001), denominam de “proximidade crítica”, em oposição a uma ilusória distância crítica, característica do pensamento do norte, estabelecida pela ideia de uma neutralidade científica e ao apagamento do sujeito que pesquisa. Em consonância a uma LA crítica, Moita Lopes e Fabrício (2019) enfatizam o entendimento de que o conhecimento tem sua origem em um determinado lugar, e a esse respeito o/a pesquisador/a e sua subjetividade mostram-se essenciais. Temos assim um campo de estudos que “ênfatiza a performance do/a pesquisador/a, entendendo que modos de falar, sentir, sofrer, gozar, etc. são inseparáveis do ato de pesquisar” (Moita Lopes; Fabrício, 2019, p.713).

Os verbos que outrora em um passado recente atendiam a uma descrição modernista, cartesiano-positivista, encarnada por meio de uma linguagem matemática, e que comunicava um sujeito pesquisador pretensamente imparcial e distanciado do fenômeno pesquisado na ciência hegemônica, agora no paradigma emergente consideram o retorno à pessoa e à intenção do(a) pesquisador(a), aceitando seus

sentimentos/emoções, em pleno envolvimento com o objeto em questão. Considera, portanto, que outros sentidos acompanham o sujeito e o objeto em sua relação de complexidade. Através do contínuo diálogo, proposto nas aulas da disciplina “Metodologias de investigação em Linguística”, mencionamos aqui, como exemplo desses outros sentidos o emprego de verbos como “olhar”, “vivenciar”, “experienciar”, “ouvir”, “ver”, “escutar” e “sentir”.

Na visão acima adotada, não se deve atentar a uma ideia formalista de língua/linguagem enquanto mera representação da realidade ou como um recurso para a comunicação instrumental, mas como um espaço de inserção de um poder, espaço privilegiado entre a tradição e a inovação, que nos obriga a dizer. Logo, o(a) autor(a)/pesquisador(a) ao compreender que a língua está para o sujeito e as relações de poder no mundo poderá realizar uma crítica às epistemologias que lhe foram ofertadas pelo pensamento ocidental, buscando reelaborar distintos modos de apreender, conforme Pennycook (1998).

Nessa ânsia por descobrir, ou melhor seria dizer inventar, outras formas de produção do conhecimento, o segundo exemplo de ação/procedimento, que pode ser efetuado pelos sujeitos pesquisadores no processo da produção escrita dos textos acadêmicos, consiste no que Moita Lopes e Fabrício (2019, p. 715) denominam de “exercício de outros modos de imaginação epistemológica”, os quais oportunizam a geração de “novas construções teórico-analítico-metodológicas” (Moita Lopes; Fabrício, 2019, p. 717). Mas o que isso significa? A exemplo do que se tem feito no campo da LA, compreende lançar mão de arranjos ou “casamentos” teóricos que rompem as linhas divisórias dos campos disciplinares. No campo de estudos da LA, são justamente os fundamentos, a prática do contexto investigativo, que darão base para essa (re)elaboração teórica, que possibilite adotar uma postura metodológica muito mais flexível ao empregar encaminhamentos acerca do objeto concebido, não havendo a obrigatoriedade das hipóteses a serem testadas, distintamente do que acontece no paradigma hegemônico. São utilizados perguntas, problemas e inquietações, que nortearão o desenvolvimento do trabalho.

O(a) pesquisador(a) dispõe, portanto, da possibilidade de adequação entre o foco de pesquisa inicialmente proposto e a dinâmica particular do objeto investigado.

Na realidade, a escolha metodológica a ser realizada ocorrerá em virtude dos contornos manifestados pelo próprio objeto sobre o qual se debruça, já que entendemos que esse objeto não está no mundo em si mesmo, mas que se constitui enquanto uma abstração, configura-se como um ponto de partida epistemológico, do mesmo modo que Ferdinand Saussure operou ao tratar a língua, constituindo-a enquanto um objeto fictício, uma abstração, uma categoria formulada para lidar com a realidade das práticas de linguagem. Na problematização de Bagno (2019), o que temos na produção de Saussure é um “(dis)curso de linguística geral”.

No caso da análise, adotamos a trilha da indução, movimento contrário ao realizado pela lógica ocidentalista no fazer pesquisa. Caminhamos do âmbito geral para o particular, sendo os saberes frutos de lógicas locais e situados e não gerais e universalizantes. Ocorre ainda uma pertinente preocupação com todo o processo investigativo e não apenas com o produto oriundo desse processo. Observamos em consonância com Macedo (2014) que as relações que constituem o todo da produção do conhecimento, particularmente, na “cozinha da pesquisa científica”, terminam por serem apagadas pela perspectiva hegemônica de ciência, de modo que ao se operar uma limpeza esterilizadora o que aparece na vitrine de nossas pesquisas, “na sala de jantar”, que é o texto, consiste num objeto residual, silente, isolado e destituído de suas raízes sociais e históricas (Triviños, 1897).

Portanto, para uma mudança do cenário acima descrito, é fundamental considerarmos o resgate da intenção (Perrota, 2004) do sujeito pesquisador, considerarmos nesse caso os problemas, as perguntas, as inquietações, as dores e os sabores que o movem – as condições iniciais. Em outras palavras: De quais epistemologias o(a) pesquisador(a) deseja afastar-se e/ou aproximar-se, quais são os valores que assume ou deixa de assumir consciente ou inconsciente, tendo em vista o projeto político em que se encontra envolvido(a)?

Retomemos então a algumas das sugestões levantadas por Perrota (2022) no “Ciclo de conversas: pesquisa (linguística) e escrita acadêmica em debate”. Em diálogo com os estudantes de pós-graduação participantes do Ciclo, a autora destacou a necessidade dos autores e das autoras desenvolverem uma produtiva *parceria*

dialógica com outros sujeitos leitores e leitoras de seu trabalho. Para ela, assim, além de considerar quem são ou serão os leitores e as leitoras mais próximos, ao localizar inicialmente o público alvo, como exemplo de sua própria leitura, a dos amigos, a dos inimigos e a dos docentes avaliadoras/avaliadores em suas respectivas bancas de qualificação e defesa, devemos considerar ainda a leitura do(a) professor(a) orientador(a) e das pessoas parceiras que compõem os diferentes grupos de pesquisa de que o(a) autor(a) possa ou venha a fazer parte em sua trajetória na universidade. Em lugar de adotar um modo de escrita monolítico ou monologal na construção de seu texto, Perrotta (2022) destaca a urgência de pensarmos o texto como *uma produção coletiva*, ainda que ao final o texto seja assinado por um único sujeito, na qual ocorre o desenvolvimento de uma *escrita sensível*.

Ao exemplificar os efeitos positivos advindos dessa marca da coletividade que se faz presente no texto através da interação com as diferentes vozes, Ribeiro (2021) em seu relato de experiência (“Notas de uma orientadora imperfeita: pesquisar, ler e escrever na área de Letras”) escreve que adota em suas orientações a prática de solicitar:

[...] aos pesquisadores e pesquisadoras que explicitem os diálogos com a banca em suas versões finais [...] expressando e creditando um diálogo que ocorreu e fez diferença para um texto e um/a pesquisador/a, não raro para todas as pessoas ali envolvidas (Ribeiro, 2021, p.12).

Tais registros são ainda considerados por Ribeiro (2021) como benéficos e duplamente significativos, por contribuírem tanto para a construção de conhecimento como para a formação desses pesquisadores, dessas pesquisadoras, independentemente da fase em que esses sujeitos se encontram no processo de pesquisa. Ao mencionar a questão da escrita sensível no ciclo de conversas, a professora Perrotta (2022) retoma, em diálogo com o texto de 2004, a relevância de o(a) autor(a) estabelecer uma interação mais próxima de seus leitores, de suas leitoras, produzindo um texto que considera aspectos como a organização, a fluência, a clareza, o respeito às especificidades do gênero discursivo e da esfera acadêmica, sem que para isso empregue uma linguagem hermética, recheada de academicismos, que

afasta os seus leitores e as suas leitoras e que abandona o elo com suas motivações, uma vez que somente ao conhecê-las o(a) autor(a) terá condições de incutir traços significativos e próprios de sua personalidade no corpo do texto (Perrotta, 2004).

Nessa mesma perspectiva, Ribeiro (2021, p. 4), no que tange às buscas por respostas às perguntas levantadas, motiva que “os pesquisadores e as pesquisadoras sejam mobilizados por suas vontades e seus desejos”. O resgate da motivação ou intenção dos sujeitos pesquisadores encontra espaço e significado no paradigma emergente e desembocará no princípio deste mesmo paradigma que afirma que todo conhecimento é autoconhecimento. A procura pelo conhecimento é, em essência, um esforço para entendermos nossa identidade e como atuamos nesse mundo (Ghedin; Franco, 2006). Ou seja, o anelo que move as paixões e os afetos do(a) pesquisador(a) pelo conhecer é em útil instância o conhecimento que ele/ela adquire acerca de si mesmo.

Outro aspecto oportuno de que Perrotta (2022) aborda e tem consonância direta com colocações do texto de Ribeiro (2021) reside na recomendação de o autor em seu árduo processo de escrita *permitir-se entrar no caos*, ideia que estabelece conexão direta com a experiência do vivenciar em certa medida “uma espécie de desespero”. (Ribeiro, 2021, p.6), o desespero que nos desassossega diante da possibilidade de equívoco na escolha teórica, metodológica ou analítica, na observação de tensões entre os objetos de análise e a perspectiva que adotamos para tratá-los, a fuga de um elemento que escapa ao constructo teórico adotado. Inúmeras podem ser as questões a serem acrescentadas a essa lista. Contudo, mostra-se reconfortante considerarmos que a incerteza que paira sobre esse processo faz parte da própria aprendizagem proposta pelos novos paradigmas científicos com seus saberes “parciais, locais e incertos”, a saber, “a aprendizagem da instabilidade” (Geraldi, 2010, p. 92).

O terceiro exemplo de ação/procedimento, que pode ser efetuado pelos sujeitos no processo da produção escrita dos textos acadêmicos, para o rompimento como a ciência modernista, consiste em comprometer-se com o exercício da originalidade e inovação na comunicação escrita dos saberes que reinventam a vida

social (Moita Lopes, 2006). Ao buscar compreender como ou de que modo o(a) autor(a)/pesquisador(a) pode exercitar essa originalidade, retomamos um dos questionamentos apresentados por um dos alunos na disciplina já mencionada, no PPGLL-FALE-UFAL, em 2022.02: Como tratar o outro no meu trabalho? Como referir-se, na escrita da investigação, aos demais colaboradores que negociam com o pesquisador o espaço da pesquisa?

Em primeiro lugar, pensar a questão da originalidade na ciência, particularmente no processo da escrita acadêmica, implica em atentarmos para a relação dinâmica e imbricada entre o mecanismo de continuidade e de descontinuidade/ruptura que produz o conhecimento, e um conhecimento que não se encaixa no padrão de solidez anteriormente aceito. Trata-se de saberes não fixos, mas sempre móveis e fluidos, como é peculiar à pós-modernidade. Logo, na esteira da não repetição dos ecos esvaziados de sentidos, assumir uma voz que estabelece algum grau de inovação consiste em, por exemplo, afastar-se do plágio e do autoplagio e construir engenhosa e imaginativamente a costura das ideias, dos argumentos, dos títulos e subtítulos no texto.

Nesse sentido, a relação que o(a) pesquisador(a) estabelece entre a forma e o conteúdo nesse processo origina um colocar-se de forma autoral, um texto com a devida assinatura de seu autor e de sua autora. Logo, como ocorre na esfera jornalística, o emprego de um único sintagma pode comunicar outros sentidos, mobilizar discursos e estabelecer novas ideias. O emprego de diferentes gêneros do discurso pode enriquecer o percurso narrativo do(a) autor(a) na sisuda escrita acadêmica ao apresentar para o seu leitor, sua leitora, as motivações que o(a) conduziram à construção de seu objeto de análise.

Em segundo lugar, no tocante à questão levantada em sala, não há uma única forma de respondê-la, pois não há uma fórmula ou receita pronta para aplicar. Todavia, “em cada situação, diferentes respostas possíveis podem ser identificadas [...] evidentemente [...] é preciso reconhecer que sempre estamos expostos ao equívoco” (Zozzoli, 2016, p.135). Apesar das diferentes respostas que podem ser obtidas a essa pergunta, observamos que atentar para o aspecto de uma atuação ética ou da eticidade em relação a esses sujeitos constitui-se um elemento norteador para o

trabalho a ser desenvolvido na escrita. O(a) autor(a)/pesquisador(a) ao mesmo tempo em que assume com criatividade sua voz, ao legitimar no seu texto as contribuições oriundas desse proveitoso relacionar-se com o outro, ainda [experiência](#) concomitantemente a constituição de seu ethos de pesquisador(a) e escritor(a) por meio do encontro com a alteridade (Bakhtin, 2003), que constitui o encontro com o outro que não se confunde com ele, mas que dele se torna parte integrante em seu modo de existir no mundo.

Nessa inquietação em relação à menção desse outro sujeito colaborador, nas palavras de Bakhtin (2003, p. 342), “eu não posso passar sem o outro, não posso me tornar eu mesmo sem o outro; eu devo encontrar a mim mesmo no outro, encontrar o outro em mim”. Ou seja, o caminho é acolher a alteridade como condição sem a qual o sujeito não pode existir, sob penalidade de perde-se a si mesmo, sua identidade. Nessa direção, compreendemos que tanto o processo de se fazer pesquisa quanto à forma como o texto escrito, oriundo dessa pesquisa, encontram-se urdido pelo(a) pesquisador(a) e constitui-se como uma tessitura irrepetível, que é atravessada pelas distintas vozes dos demais sujeitos que atuam, assim como o/a pesquisador/a, no tecido dialógico da vida.

CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

Ao ponderar, neste [artigo](#), acerca do fazer científico que, ao almejar se afastar da ciência positivista e do seu legado ignóbil com o paradigma hegemônico e suas categorias zumbis, promove o resgate das vozes dos sujeitos do “sul”, que na pós-modernidade transformam a realidade em que se inserem, podemos levantar, momentaneamente, duas breves considerações para o fechamento das reflexões e ideias que inicialmente foram discutidas, sem, contudo, esgotá-las. Em primeiro momento, faz-se necessário ao/a pesquisador/a, que assume um manifesto e autêntico compromisso com o paradigma emergente, reconhecer a necessidade de um autoexame acurado e contínuo no desenvolvimento, por exemplo, de suas próprias práticas, seja no processo da pesquisa, seja em sua escrita. Pois, ainda que este sujeito deseje abster-se de vínculos com a ciência positivista não se deve negar ou mesmo

desconsiderar os impactos que subjaz a presença persistente, ainda que reprimida por ele/ela, dos resquícios de tal fazer e pensamento científico.

Em segundo momento, conscientes da dificuldade acima descrita sem, todavia, assumir uma postura passiva em relação a ela, há que se dispor para o exercício imaginativo, a fim de compor uma partitura da vida social em que não nos tornemos meros espectadores ou ainda atores repetitivos quanto ao coro hegemonicamente posto quando produzimos, por exemplo, textos obedientes e pesquisas silentes. Nesse sentido, como exemplos de alternativas para um desenho epistemológico que rejeita a manutenção de uma vida social imprudente, destacamos, ao assumirmos a primeira pessoa gramatical, algumas das contribuições que foram gestadas a partir das reflexões suscitadas no estudo da disciplina de “Metodologias de investigação em Linguística”, as quais foram, em certa medida, estão expostas no presente texto.

Assim, no tocante ao processo de fazer pesquisa, seja pela orientação (no caso de um professor-pesquisador), seja no doutoramento (no caso da estudante-pesquisadora) pudemos sentir, mais detidamente, as implicações existentes de uma relação de proximidade crítica, ou seja, da proximidade entre a pessoa, as emoções e os desejos, do(a) pesquisador(a) e o seu objeto de pesquisa. Um objeto que em semelhança ao trabalho do poeta/romancista com o texto literário, por exemplo, no laborar com o rio caudaloso da linguagem, revela-se como artefato de natureza eminentemente ficcional, o qual mobiliza os afetos, os sentidos, as angústias e até os arrepios de seu criador, bem como provoca Albuquerque Jr. (2018).

Ao determo-nos um pouco mais a respeito das implicações, para a escrita da tese, no que se refere a relação entre o(a) pesquisador(a) e seu objeto, substituí(mos) os verbos de caráter positivista e empreguei(empregamos) verbos que estabelecessem coerência com a relação explicitada acima, ou seja, em articulação a princípios e parâmetros do paradigma emergente. O texto “‘O saber é feito para cortar: Michel Foucault e a historiografia’ [Notas para uma Linguística Aplicada Antidisciplinar (crítico-transgressiva)”, de Santos Filho (2024), fornece discussão relevante para a problemática dos objetivos e seus verbos marcadores, quando na direção de um paradigma emergente no fazer científico em Linguística Aplicada.

Ao seguir com esse entendimento, a forma como as seções do trabalho *está* organizada também sofre alterações, as necessidades do objeto em questão conduzem ao projeto metodológico adotado. Os acréscimos, as seleções e as exclusões vocabulares operadas no corpo do texto dão lugar a uma tessitura vocal mais flexível e ética, frente às diferentes participações de colaboração na pesquisa. *Esses* exemplos dão conta de um ethos de uma/um pesquisadora/pesquisador e escritor/a que se faz ouvir em processo de aprendizagem, (des)aprendizagem e ainda (re)aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JR., D. M. de. Uma noite aos arrepios: reflexões em torno da história das sensibilidades. In: PRIORI, C; SILVA, C. G. da; VÁZQUEZ, G. C. H. **Perspectivas transculturais e transnacionais de gênero**. Porto Alegre: Editora Fi, 2018, p. 49-74.
- BAGNO, M. **Objeto língua**. Parábola Editorial, 2019.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- GERALDI, J. W. Pesquisa em linguagem na contemporaneidade. In: GERALDI, J. W. **Ancoragens – estudos bakhtinianos**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010, p. 5163.
- GHENDI, E; FRANCO, M. A. S; Introdução. In: PIMENTA, S. G.; GHENDI, E; FRANCO, M. A. S. (Orgs.). **Pesquisa em Educação: alternativas investigativas com objetos complexos**. Editora Loyola. São Paulo, 2006.
- MACEDO, L. Galeria de pensadores-Lino de Macedo. Youtube –TIMFaz Ciencia, 2014. 1 video (13'44")Disponível em: <https://www.yoube.com/watch?v=qv-tsyjwZgQ&t=827s>. Acesso em: 10 de ago. 2023.
- MOITA LOPES, L. P.; FABRÍCIO, B. F. Por uma 'proximidade crítica' nos estudos em Linguística Aplicada. **Calidoscópio**, v. 17, n. 4, p. 711, 2019.
- MOITA LOPES, L.P (Org.). **Por uma linguística Aplicada (in)disciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.
- PENNYCOOK, A. A linguística Aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M.C. **Linguística Aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas**. Campinas, São Paulo: Mercado das letras, 1998.

PESSOA, F.; GALHOZ, M. A. (Org.). **Obra Poética**. Introdução e notas de Maria Aliete Galhoz. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.

PERROTTA, C. **Um texto pra chamar de seu – preliminares sobre a produção do texto acadêmico**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PERROTTA, C. Um texto pra chamar de seu– preliminares sobre a produção do texto acadêmico. In: **Ciclo de Conversas: pesquisa (linguística) e escrita acadêmica em debate**, nº I, 2022, Maceió.

RIBEIRO, A. E. Notas de uma orientadora imperfeita: pesquisar, ler e escrever na área de Letras. **Trem de Letras**, v. 8, n. 3, p. e 021001 29 jan. 2021.

RIBEIRO, A. E. Notas de uma orientadora imperfeita: pesquisar, ler e escrever na área de Letras. In: **Ciclo de Conversas: pesquisa (linguística) e escrita acadêmica em debate**, nº I, 2022, Maceió.

SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Editora Cortez, 2010, p. 29-67.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Editora Cortez, 2008.

SANTOS, B.S. 2001. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. São Paulo, Cortez, p. 348.

SANTOS, E. F.; SOUZA, D. S.; Autoria textual na Educação Profissional e Tecnológica. **Revista Linguagem, Educação e Sociedade -LES**, v. 28, n.57, 2024, eISSN: 2526-8449.

SANTOS FILHO, I. I. dos. “O saber é feito para cortar: Michel Foucault e a historiografia” [Notas para uma linguística aplicada antidisciplinar (crítico-transgressiva)]. In: FOLMER, I.; BASQUEROTE, A. T. (Orgs.). **Educação e Ensino: entre experiências e perspectivas**. Santa Maria: Arco Editores, 2023, p. 180-211.

TRIVIÑOS, A. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.

ZOZZOLI, R. M. D. Levando o diálogo social para a sala de aula: o enunciado-acontecimento-tema no ensino de língua portuguesa. In: FIGUEIREDO, F. J. Q. de; SIMÕES, D. (Orgs.). **Linguística Aplicada, prática de ensino e aprendizagem de línguas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

HISTÓRICO

Submetido: 16 de Jul. de 2024.

Aprovado: 15 de Mai. de 2025.

Publicado: 23 de Mai. de 2025.

COMO CITAR O ARTIGO - ABNT:

RÊGO, F. R.; SANTOS FILHO, I. I. Do modelo obediente a uma escrita sensível e coletiva – questões epistemológicas e escrita acadêmica na contemporaneidade. **Revista Linguagem, Educação e Sociedade - LES**, v. 29, n.60, 2025, eISSN:2526-8449.